

SIMPÓSIO AT101: Estudo em Fontes Primárias para a História da Literatura

CAROLINA MARIA DE JESUS: UMA ESCRITORA NA CONTRAMÃO

MENDONÇA, Simone Cristina
UNIFESSPA
simonecm@unifesspa.edu.br

SILVA, Euclidiane Santana da
UNIFESSPA
santanadi412@gmail.com

Resumo: “Atrapalhando o tráfego”, como canta Chico Buarque (1971), Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra e pobre, conseguiu ver seu primeiro livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* alcançar recordes de venda, tendo tido 8 edições ainda no ano de lançamento, 1960. A partir do trabalho de edição do jornalista Audálio Dantas, foram publicadas páginas selecionadas dos escritos que Carolina vinha mantendo por 5 anos em muitos cadernos. O sucesso inicial, contudo, não se manteve e controversas foram as críticas publicadas em diferentes suportes entre os anos 60 e 90 do século XX, mesmo após ampla recepção nacional e internacional, comprovada por traduções em várias línguas. Na atualidade, contudo, a autora desperta grande interesse pelas temáticas que suscita em seu diário, como segregação racial, demarcação social de espaços urbanos, dificuldades cotidianas para o ganho de poucos recursos, mercado editorial, etc., além de outras não previstas, que foram surgindo na medida em que novas teorias de análise desenvolveram-se. Neste trabalho, objetivamos apresentar algumas críticas que *Quarto de despejo* recebeu em sua época e nos dias atuais, baseados em fontes como Sá (2017), Meihy (2016), Martins (1993), entre outros.

Palavras-chave: Fontes primárias; Carolina Maria de Jesus; Historiografia literária.

Abstract: "Atrapalhando o tráfego," as Chico Buarque (1971) sings, Carolina Maria de Jesus, a poor and black woman, was able to see her first book "Quarto de despejo: diário de uma favelada", reaching sales records, having had 8 issues still in the year from the publication work of the journalist Audálio Dantas, were published selected pages of the writings that Carolina had been keeping for 5 years in many notebooks. The initial success, however, was not maintained and controversial were the critics published in different supports between the years 60 and 90 of the twentieth century, even after extensive national and international reception, proven by translations in several languages. Nowadays, however, the author arouses great interest in the themes she raises in her diary, such as racial segregation, social demarcation of urban

spaces, daily difficulties for the gain of few resources, editorial market, etc., as well as others not foreseen, which were emerging as new theories of analysis developed. In this work, we present some criticisms that have been received in the epoch and in the present day, based on sources such as Sá (2017), Meihy (2016), Martins (1993), among others.

Keywords: Primary sources; Carolina Maria de Jesus; Literary historiography.

Em sua coletânea *Tempo de reportagem*, Audálio Dantas (2012) rememora uma de suas matérias de maior repercussão: a “reportagem que não terminou”, segundo suas palavras. Na proposta de construir uma pauta sobre a favela do Canindé, em São Paulo, o jornalista acabou por encontrar vários cadernos com os escritos de Carolina Maria de Jesus, moradora daquela favela, entre os quais havia um diário escrito em 1955. Dantas reconheceu que as palavras de Carolina continham a força de que ele não dispunha para falar de como vivia o povo naquele pobre complexo urbanístico e optou por mencionar trechos do diário em sua matéria.

A reportagem saiu no jornal *Folha da Noite*, em 09 de maio de 1958: “O drama da favela escrito por uma favelada”, contendo uma poesia feita por Carolina e muitos trechos do citado diário. Além disso, anunciava que em breve seriam publicados livros de Carolina Maria de Jesus, por sua iniciativa e de “um grupo de companheiros” (DANTAS, 2012, p. 27), que arcariam com os custos.

Segundo o jornalista:

A repercussão foi grande. Muitos leitores telefonavam dizendo a emoção que sentiram, outros levantando dúvidas sobre a autenticidade do texto da favelada. [...] a repercussão foi maior ainda no ano seguinte. [...] a história correu mundo. [...] A reportagem crescia. Em agosto de 1960, quando o livro saiu, com sugestivo título *Quarto de despejo*, os 10 mil exemplares da primeira edição – um recorde para a época – esgotaram-se em uma semana (DANTAS, 2012, p. 18)

O sucesso de vendas fez com que a autora se tornasse uma “celebridade internacional”, o que, aos olhos de Audálio Dantas não era de todo positivo: “Era uma excitante novidade. Para alguns, uma espécie de bicho estranho” (DANTAS, 2012, p. 19). Se por um lado, “críticos de prestígio

consideraram-na um documento importantíssimo [...] por aqui as impressões se dividiam” (idem), levantando as suspeitas de que o próprio jornalista teria escrito aquele livro e atribuído a autoria à favelada para tornar a publicação mais atraente. As críticas baseadas na suposta falsa atribuição de autoria de *Quarto de despejo* permaneceram vivas mesmo com o passar dos anos.

Wilson Martins, por ocasião da reedição desse diário pela editora Ática, em 1993, publicou a crítica “Mistificação literária – *Quarto de despejo*, ‘best seller’ de 1960, deve ser atribuído a Audálio Dantas”, no *Jornal do Brasil*, em 23 de outubro daquele ano, comparando o trabalho do jornalista às estratégias de sucesso de vendas, como a dos contos de Ossian (na verdade de Macpherson).

O título da crítica deixa claro o posicionamento de Martins (1993) em relação ao diário de Carolina: Audálio Dantas seria o verdadeiro autor que, ocultando-se sob a figura de uma favelada, alcançou altas vendagens. O crítico alertava para o fato de que as primeiras publicações a ela atribuídas, em jornais e revistas, não foram remuneradas, sugerindo a exploração de seus textos e de sua imagem antes do lançamento do referido livro.

Assim, o reconhecimento do diário, com tradução para “13 línguas” e divulgação na imprensa internacional, teria partido de “uma deliberada mistificação destinada [...] ao mais extraordinário sucesso editorial”. Martins (1993) elaborou questionamentos que sugeriam que Carolina não teria condições para escrever seu diário:

Seria uma mulher educada, que as vicissitudes da vida houvessem reduzido a essa condição miserável? Não: era uma ‘semi-analfabeta’, lutando com as maiores dificuldades materiais, isto é, a última pessoa que imaginaríamos na literatura confidencial” (MARTINS, 1993).

E foi além, ao identificar ironicamente, o vocabulário da autora:

Mas, é estilisticamente preciosa. De manhã, não se levanta, mas ‘deixa o leito’; ao abrir a janela, nota que o sol está ‘galgando’, enquanto os pardais se entregam à sua ‘sinfonia matinal’; o povo da favela é a ‘turba’ e lavar o rosto é ‘abluir-se’; os vizinhos usam ‘palavras de baixo calão’; uma mulher grávida

‘está gestante’; a sua própria existência é uma ‘vida infausta’, e assim por diante. (idem)

Martins (1993) embora trouxesse acusações de que Carolina não seria capaz de escrever um texto com tamanho cuidado, inclusive porque não teve notícia de que ela era uma leitora, ou de que possuía livros em sua casa, alerta também para o fato de que sua imagem pudesse ter sido apenas explorada pelo jornalista Audálio Dantas e a editora Francisco Alves, num vantajoso empreendimento do qual a escritora não obteve os lucros condizentes.

O fato é que, para a época, um livro escrito por uma mulher, negra e pobre causava impacto até mesmo entre os mais renomados intelectuais. Em sua tese de Doutorado, delineando a visita de Jean-Paul Sartre e de Simone de Beauvoir ao Brasil, em 1960, Luís Antônio Contador Romano (2000) comenta as impressões que a publicação e a divulgação midiática de *Quarto de despejo* suscitaram no casal, quando da estadia em São Paulo e no Rio de Janeiro. Logo no início, sobre Sartre, adjetiva:

Pensador de ação, capaz de gestos simbólicos de reconhecimento da nova terra descoberta, que visavam também marcar posições políticas, como a visita a uma favela no Rio de Janeiro no momento em que Carolina de Jesus, descoberta por um jornalista, publicava *Quarto de despejo* (ROMANO, 2000, p. 17).

Quanto ao testemunho de Simone de Beauvoir, sobre São Paulo, cita:

Há uma zona residencial muito rica: jardins floridos, casas de estilo colonial, mansões ultramodernas. Mas há, também, favelas; no momento, falava-se muito a respeito de um diário escrito por uma negra, Carolina, que descrevia, com rudeza, o dia-a-dia da vida de sua favela: um jovem repórter a descobrira, por acaso, e o livro iria ser, naturalmente, um *best-seller*¹. (BEAUVOIR, 1961, p. 268 *apud* ROMANO, 2000, p. 152).

O pesquisador também revela uma crítica negativa à autora, sem autoria, publicada no jornal *Última hora*, em 03 de setembro de 1960, intitulada:

¹ BAEUVOIR, Simone de. **Sob o signo da história**. Vol. II. 1961. p. 268. [nota do autor da tese].

“Escritora da favela sonha morar num castelo de ouro”: “Indica-se assim à massa dos miseráveis que o seu destino é sofrer com resignação, enquanto dois ou três ‘mais aptos’ encontram o caminho da salvação, renegando o meio social e humano de onde conseguiram emergir” (ROMANO, 2000, p. 237).

José Carlos Sebe Bom Meihy (2016) relaciona o apagamento da autora com o início da ditadura militar (1964), embora reconheça que mesmo o segundo livro de Carolina, *Casa de alvenaria*, publicado em 1961, já não teria obtido o sucesso do livro de estreia. Para o crítico, na época, São Paulo crescia desordenadamente e Carolina viria tratar dos efeitos desse crescimento, como a favela, com seus moradores extremamente pobres: “Independentemente de simpatias, não cabe dúvida que Carolina foi fruto de um tempo, trabalhado por um artífice em momento de surto mercadológico e populista” (MEIHY, 2016, p. 524).

Na tese de doutorado de Janaína da Silva Sá encontramos argumentos que vão ao encontro com o pensamento de Meihy. Segundo a pesquisadora:

Pairava sobre o seu nome uma aura entre o desconhecido e o inusitado, orquestrando uma comunhão perfeita de interesses lucrativos. O nome de Carolina Maria de Jesus representa um bem simbólico que, na ordem do dia era passível de consumo (SÁ, 2017, p. 25).

Importa para Sá (2017), além disso, as delimitações dos espaços urbanos, divididos de forma que alguns indivíduos não possam transitar em determinados lugares, tidos como exclusivos de uma classe social mais elevada, tal como expresso em *Quarto de despejo*.

Nesse sentido, o discurso de Carolina refletia sobre a desterritorialização que alguns indivíduos percebem ao tentarem mover-se entre os espaços da cidade, ferindo, assim, o aspecto progressista da nova política do governo da época (SÁ, 2017, p. 29).

Para a crítica atual, outras reflexões vem à tona, como a segregação racial exposta por Carolina Maria de Jesus. Em *Diário de Bitita* (1986), publicação póstuma, a autora trouxe reminiscências da infância que já

apontavam para episódios de segregação racial, como no trecho em que se refere às escolas:

No ano de 1925, as escolas admitiam as alunas negras. Mas quando as alunas negras voltavam das escolas estavam chorando. Dizendo que não queriam voltar à escola porque os brancos falavam que os negros eram fedidos. As professoras aceitavam os alunos pretos por imposição (JESUS, 1986, p. 38 *apud* SÁ, 2017, p. 56).

Em vida, Carolina Maria de Jesus, além dos desafios diários pela sobrevivência, enfrentou o esquecimento da crítica após o sucesso inicial, não conseguindo manter sua visibilidade no mercado editorial. O registro de tais críticas nos jornais da época, não obstante, tornam-se fonte para trabalhos no meio letrado atual, já que a autora desperta interesse sob várias linhas de pesquisa.

Referências

DANTAS, Audálio. **Tempo de reportagem**. São Paulo: Leya, 2012.

MARTINS, Wilson. “Mistificação literária - Quarto de despejo”. *Jornal do Brasil*, 23 de outubro de 1993. Disponível em:

<[MEIHY, José Carlos Sebe Bom. “Repensando Carolina Maria de Jesus”. *Revista Diversitas*. São Paulo, n. 3, p. 520-529, Abril, 2016. Disponível em:](http://memoria.br.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015.11&pasta=ano%20188&pesq=>, consulta em 09 de outubro de 2018.</p></div><div data-bbox=)

<<https://www.revistas.usp.br/diversitas/article/view/113905/111761>>. Consulta em 09 de outubro de 2018.

ROMANO, Luís Antônio Contatori. **A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir em 1960**. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2000.

SÁ, Janaína da Silva. **Rotas em fuga – a saga de Carolina Maria de Jesus em uma perspectiva Rizomática**. Tese de Doutorado. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2017.